

## CHARLATÃO DE MACUMBA

Pense em um fato inusitado no mundo que em Juazeiro da Bahia já está caduco. Nessa cidade o impossível é café-pequeno!

Você sabia que na rua D'apollo existe um illê- casa- de –santo-volante, onde os trabalhos espirituais são preparados por um pseudo Mejitô-pai-de-terreiro- conhecido por pai Benilton Rosa?

Estufa o peito e a barriga a todo pulmão se vangloriando de ter sido feito na cidade dos voduns, Cachoeira, ainda, com a agravante que os donos de sua cabeça são Oxalá e Ogum. Engalanado todo de branco, porém, com o calçado preto e o pé redondo, parecendo o pé do cão.

Pratica o charlatanismo às escâncaras defronte ao bar de Manelão, que há tempo reclama, não admitindo feitiçaria em seu bar, temendo a incorporação do sujo em alguns fregueses. Pai Benilton discorda do proprietário, ameaçando soprar a pemba preta em direção ao velho Mané, podendo este cuifar (morrer).

A brabeza de Manelão se amofina, voltando-se às camaradagens, pois se assombra de orelha a orelha devido o anúncio do mal, dito pelo babalorixá charlatão que garante ter um canzuá no estado do Maranhão, onde domina as forças da magia negra e que já mandou muita gente para debaixo da terra com o sopro mortífero do pó.

O doutor Leão que é fabricante de velas, não aguenta mais de tanto fornecê-las, na “valsa”, sem receber um tostão do macumbeiro, pois o pseudo “Mjejítô” alega que as velas são oferendas para os donos da cabeça: Oxalá e Ogum.

O filho de Oxalá, Benilton, mesmo assim é acreditado por muitos que frequentam o bar de Manelão. Diz para os quatros ventos que fecha o corpo dos fiéis seguidores, ficando assim livres das ciladas de Exu. Karkará, por exemplo, é um seguidor do “Mjejítô”, beijando-o no rosto, constantemente, não se sabendo se é por respeito ou medo da citada pemba infalível, mandando qualquer recalcitrante para o canzuá-de-quimbe (Casa dos

Mortos), sem piedade. O “notável macumbeiro”, para os entendidos na seita animista ele é um oriocô (nada sabe). O curioso é que o embusteiro, por incrível que se pareça tem muitos seguidores querendo que pai Benilton bote mesa, jogando os búzios, com o olhar do Ifá, Deus nagô da adivinhação. Deixa todos perplexos com sua audácia, proclamando de modo retumbante que sabe fazer Carrego de Alma, botando de costas na cova o de-cujus que teima em perturbar na Terra, achando que ainda não juntou as pernas.

Karkará, empresário do Cabaré das Ilusões é quem traz da cidade de Uauá os incautos atrás de cura espiritual, tendo um cargo importante ojisé-ebó (carregador de ebó) arriando o despacho nas encruzilhadas, mas sempre se lastimando, que demora de receber um agrado pela tarefa árdua e perigosa.

O “Mejitô” bate no peito que goza de boa fama em todo norte e nordeste por seus trabalhos afros competentes. É chamado para fazer trabalhos para ricos, latifundiários, empresários e políticos, estando em ótima situação econômica- financeira, considerado, um sacerdote respeitado em sua especialidade.

O pseudo oráculo certa feita recebera um cliente fazedor de defunto, bigode espesso, fechado, chapéu de aba caída, cara de mal, tipo pistoleiro do tempo da jagunçada na região do cacau no sul da Bahia.

A feiura era de pouca conversa e não queria saber do valor da consulta. Só desejava saber se sua mulher pulava a cerca e se ele era corno, pois havia uma desconfiança. Apesar de ser sanguinolento, não queria cometer injustiça com a mãe de seus dois filhos. Repetia que dinheiro não era problema para consulta e para os possíveis trabalhos. Karkará pensou logo na grana para o Cabaré das Ilusões, pois o carnaval se aproximava. “Vou querer um patrocínio!” Zequinha da Malhada era seu nome, filho de uma cidade do nordeste. Plantador de cana, também pecuarista, não lhe faltando grana grossa para pagar pelos trabalhos na seita.

Pai Benilton, longe das mesas do bar de Manelão, marcou com Zequinha da Malhada, que antes do sol se pôr, por volta das dezessete horas, em uma

casa no bairro Maringá, alugada, jogaria os búzios e diria ao angustiado se ele tinha ou não chapéu de garrote.

Jogados os búzios, todo entusiasmado, antes recebera uma nota invejável, olhando com muito carinho as posições das conchas, sob as vistas do cornudo ansioso. Um alívio quando o suposto filho de Oxalá e Ogum proclamara Odara! Dizendo que Zequinha não carregava o peso da galhada, podendo retornar na paz e alegria, pois sua mulher não era corneteira.

Um alívio, um sorriso de esplendor, não faltando abraços recíprocos e gargalhadas estrondavam no ar com grandes emoções.

Pode viajar tranquilo que seus caminhos estão abertos e seu corpo passa estar fechado contra mal-olhado, caruara e que jamais o inimigo terá forças para lhe ferir nem olhos para lhe enxergar.

Zequinha ao chegar a sua cidade, conhecida por Amendoeiras do Sertão, por volta das vinte horas, enquanto abria a porta da casa, o malandro que papava a mulher do chifrudo voou por cima do muro do fundo saindo de cueca que nem gato ladrão.

A corneteira teve os bicos das mamas cortados de faca, dois balaços nas “escondidas” e outro no peito esquerdo, mesmo assim a trepadeira saiu-se com vida.

Com muita raiva, Zequinha bigodeiro, também assim conhecido, voltou a Juazeiro para acertar as contas com o charlatão de macumba e com o carregador de ebó, na casa alugada na Maringá, pipocando vários tiros, dando sumiço aos búzios e exigiu a grana de volta, sendo restituída de imediato, tendo a notícia, chegado ao bar de Manelão. Karkará se rumou para Uauá, escondendo-se na fazenda de Adalberto, este comerciante local. O curandeiro fora se esbarrar na cidade de Curaçá tendo a proteção de Gilberto Bahia, a pedido de Cafuzinho, este, que há muito havia chamado à atenção do oriocô que parasse com a ideia de ser pai-de-santo, sem ter nunca passado por uma Camarinha e agora está chorando no orun (mundo da lua).

Um alívio total para Manelão que deixara de ter as ameaças da pomba preta do falso Mejitô, que abandonara o charlatanismo, para o bem dos incautos que o tinham como um enviado das deidades espirituais.

**Geraldo Dias de Andrade é Cel.PM/RR – Cronista – Bel em Direito – Escritor – Membro da ABI/Seccional Norte – Membro da Academia Juazeirense de Letras.**